

É evidente que a tarefa de escrever com conhecimento de causa sobre o tema da duração da vida de altos Iniciados está além do alcance de seres humanos comuns.

Devido à própria força interna do texto a seguir, o leitor atento perceberá que G.M. deve ter sido ajudado por algum Mestre de Sabedoria. E, de fato, “O Elixir da Vida” é mencionado duas vezes nas Cartas dos Mahatmas. Um dos comentários deve ser reproduzido aqui e se refere à segunda parte do texto, publicada no “Theosophist” em abril de 1882. Neste trecho G.M. afirma que quem busca a sabedoria deve ter sentimentos autênticos e emoções livres de repressão neurótica. Abordando o tema do rancor, o mestre escreveu:

“É um ato meritório extirpar com suas raízes todos os sentimentos de raiva, de modo a nunca sentir o menor paroxismo de uma paixão que todos nós consideramos pecaminosa, mas é um pecado ainda mais grave, para nós, *fingir* que a raiva foi extirpada. Leia, por favor, ‘Elixir of Life’ número dois, (abril, p. 169, coluna 1, parágrafos 2, 3, 4, 5 e 6). E no entanto, nas ideias ocidentais, tudo é reduzido às *aparências*, mesmo na religião.”²

HPB Avalia a Idade do seu Mestre

Há sólidas evidências de que os Mestres de Sabedoria têm conhecimento direto sobre o segredo da longevidade. Quando Helena Blavatsky tinha 56 anos, em 1887, ela foi perguntada sobre a idade do Mestre dela.

Com sua franqueza habitual, ela respondeu:

“Não posso dizer exatamente, porque não sei. Mas conto-lhe o seguinte. Eu o encontrei pela primeira vez quando tinha vinte anos. Ele era um homem no auge de sua força, na época. Agora, sou uma mulher velha, e ele não parece nem um dia mais velho. Ele ainda está no auge da sua força. Isto é tudo o que posso dizer. Tire suas próprias conclusões.”

O interlocutor perguntou a HPB se os Mahatmas haviam descoberto o elixir da vida, e ela disse:

“Isso não é um mito. É apenas o véu que esconde um processo oculto real, o afastamento da velhice e da dissolução durante períodos que pareceriam fabulosos, e por isso não os mencionarei. O segredo é o seguinte: para todo ser humano há um climatério, quando ele deve se aproximar da morte. Se ele desperdiçou as suas forças vitais, não há escapatória, mas se ele viveu de acordo com a lei, pode atravessar esse período e assim continuar no mesmo corpo quase indefinidamente”.³

² “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Carta 74, vol. I, p. 346. A parte dois do texto, publicada originalmente em abril de 1882, começa com o parágrafo cujas primeiras palavras são “*Além disso, a História e a Ciência...*”. O Mestre recomenda a leitura dos parágrafos 2, 3, 4, 5 e 6. O parágrafo dois começa com as palavras “*O aspirante à longevidade deve, portanto...*”. O leitor encontrará na sequência os demais parágrafos mencionados pelo Mestre. (CCA)

³ Do artigo de Charles Johnston narrando conversa com HPB, publicado em “Collected Writings”, Helena Blavatsky, TPH, vol. VIII, pp. 392-409, ver p. 400. (CCA)

Helena Blavatsky aborda em outro artigo o tema da alquimia, e afirma que há dois tipos de elixir. Ela deixa claro que todo Adepto-Iniciado despreza a posse de ouro e é profundamente indiferente à duração da sua própria vida física. E podemos acrescentar da nossa parte: *exceto pelo fato de que sua vida física é útil à evolução da humanidade*. O Adepto transcendeu todo apego ao mundo material, ao qual não pertence nem está preso.

Mencionando a tradição chinesa e a ciência hermética da antiguidade, Blavatsky afirma:

“Essas duas escolas reconhecem a existência de *dois elixires*: o grande e o pequeno. O uso do segundo no plano físico se relaciona com a transmutação de metais e a restauração da juventude. O grande ‘Elixir’, que só era um elixir simbolicamente, produzia o maior benefício de todos: a *imortalidade consciente no Espírito*, o Nirvana através de todos os ciclos, o que antecede PARANIRVANA, ou união absoluta com a ESSÊNCIA ÚNICA.”⁷

Este último é o “elixir” que interessa aos Iniciados.

Cabe registrar o que HPB escreveu sobre o “grande elixir” como símbolo da vida universal que os Adeptos Iniciados conhecem e à qual têm acesso:

“É incorreto pensar que existe qualquer ‘pó de projeção’ especial, ou ‘pedra filosofal’, ou ‘elixir da vida’. Esse último está presente em cada flor, em cada pedra e mineral em todo o globo. É a essência última de tudo, a caminho de uma evolução cada vez mais alta.”⁸

De H. S. Olcott, Sobre Godolphin Mitford

Em suas memórias, Henry S. Olcott narra aspectos da acidentada vida de Godolphin Mitford e afirma que, durante a redação deste artigo, Helena Blavatsky permaneceu a curta distância do seu autor, em atitude semelhante a que ela tivera em situação similar, na qual servira de instrumento para que um mestre de sabedoria auxiliasse a realização de determinada tarefa.⁹

Blavatsky e o Desejo de Viver

Após “**O Elixir da Vida**”, apresentamos o artigo “**Será Egoísta o Desejo de Viver?**”, em que Helena P. Blavatsky discute o texto de Godolphin Mitford e amplia o tema da duração da vida do peregrino espiritual avançado.

⁷ “Collected Writings”, HPB, TPH, vol. XI, artigo “Alchemy in the Nineteenth Century”, pp. 528-550, ver p. 538. (CCA)

⁸ “Collected Writings”, TPH, vol. XII. Instrução número III da Seção Esotérica, p. 603. (CCA)

⁹ Ver “Old Diary Leaves”, de Henry S. Olcott, second series, TPH, Índia, pp. 289-291. (CCA)

próprio é um completo descrente no *sobrenatural*, embora tenha aprendido o suficiente para não limitar as possibilidades do *natural* como alguns fazem. Além disso, ele deve fazer a seguinte confissão sobre suas crenças. A partir de um exame cuidadoso dos fatos, ficará claro que o autor não pode ser um adepto¹² de alto nível, pois nesse caso um artigo como este *jamais seria escrito*. E o autor não tem a pretensão de ser um elevado adepto. Ele é, ou melhor, foi, durante alguns anos, durante alguns poucos anos, um humilde *chela*.¹³ Portanto, pode-se concluir que em relação aos estágios superiores do mistério ele não tem experiência pessoal, mas fala deles apenas como um observador próximo que elabora suas próprias ideias - e nada mais do que isso. Portanto, o autor pode afirmar com coragem que durante a sua estadia infelizmente muito curta com alguns adeptos, ele verificou, através de experimentos e observações diretas, algumas partes menos transcendentais ou mais incipientes do “processo”. E, embora seja impossível para ele dar um testemunho direto do que está mais além, ele pode, mesmo assim, mencionar que todo o seu processo de estudo, treinamento e experiência, que foi frequentemente longo, severo e perigoso, o leva à convicção de que tudo ocorre conforme é descrito, exceto alguns detalhes que são *velados de propósito*. Por motivos que não podem ser explicados ao público, ele próprio pode ser incapaz de, ou pode não desejar, revelar o segredo a que teve acesso. Ainda assim, o autor recebeu permissão de alguém a quem deve toda sua afeição e sua gratidão reverenciais - seu último *guru* - para divulgar, visando beneficiar a Ciência e o Ser Humano, e especialmente para o bem dos que são corajosos o suficiente para fazer a experiência pessoalmente, os seguintes e surpreendentes detalhes dos métodos ocultos¹⁴ usados para prolongar a vida durante um período muito além do comum. - G.M.

000

Provavelmente uma das primeiras considerações que levam as pessoas de mentalidade mundana a solicitar uma iniciação em Teosofia é a crença ou esperança de que, ao aderir, terão imediatamente acesso a alguma vantagem extraordinária em relação ao resto da humanidade.

Alguns até pensam que o resultado último da sua iniciação será, talvez, a possibilidade de evitar aquela dissolução que é considerada o destino comum da humanidade.

¹² Adepto: em alquimia, diz o dicionário, adepto é aquele que está “a ponto de obter a pedra filosofal”. Em Teosofia, um adepto é um alto iniciado e, frequentemente, alguém que dominou o segredo da vida e da morte, e portanto já não necessita reencarnar de modo inconsciente. Um Iniciado é alguém cuja consciência das verdades universais é direta e independente de intermediários, tendo sido ampliada fundamentalmente por mérito próprio. (CCA)

¹³ Um *Chela* é um aluno e discípulo de um *Guru* ou *Mestre* iniciado. (Nota de Helena Blavatsky, assinada como editora de “The Theosophist”, em 1882)

¹⁴ Oculto: não se trata de algo que se queira ocultar, mas, ao contrário, é algo sutil, imanifestado, que deve ser buscado e conhecido através do despertar da intuição superior, a intuição da alma imortal. (CCA)

elas podem ser produzidas. O objetivo do presente texto é erguer, tanto quanto possa ser permitido, o véu que encobre este aspecto do Ocultismo.

Devemos começar lembrando o leitor de duas doutrinas teosóficas, constantemente expressadas em “Ísis Sem Véu” e em outras obras místicas - ou seja; (*a*) que em última instância o Cosmo é *Um* - um sob variações e manifestações infinitas - e (*b*) que o assim chamado *ser humano* é um “ser composto”; composto não só no sentido exotérico científico de ser uma agregação do que se considera unidades materiais vivas, mas também no sentido esotérico de ser uma sucessão de sete formas ou partes de si mesmo, todas integradas umas às outras.

Para ser mais claros, poderíamos dizer que as formas mais etéreas são apenas duplicações do mesmo aspecto - e que cada forma mais sutil fica nos espaços interatômicos ¹⁵ da que lhe é imediatamente mais densa. Gostaríamos que o leitor soubesse que estas não são de modo algum abstrações ou “coisas espirituais” no sentido “cristão-espírita”. No ser humano real que se reflete em seu espelho, há de fato vários seres humanos, ou várias partes de um ser composto. Cada uma delas é a exata contraparte da outra, mas as “condições atômicas” (por falta de uma palavra melhor) de cada uma delas estão colocadas de modo que os seus átomos interpenetram os átomos da forma seguinte e “mais densa”. Não nos interessa, neste momento, de que modo os teosofistas, os espíritas, budistas, cabalistas ou vedantas enumeram, separam, classificam, organizam ou dão nomes a estes níveis, já que esta guerra de palavras pode ser postergada para outra ocasião. Também não interessa que relação tem cada um destes vários seres humanos com os diversos “elementos” do Cosmo dos quais ele faz parte. Este conhecimento, embora seja de vital importância em outras situações, não necessita ser explicado ou discutido aqui. Tampouco nos preocupa o fato de que os cientistas negam a existência de uma tal organização na matéria, porque os instrumentos usados por eles são inadequados para permitir que os seus sentidos a percebam. Nós responderemos simplesmente - “obtenham melhores instrumentos e desenvolvam sentidos mais aguçados, e *um dia* vocês perceberão”.

O que temos a dizer é que se estiverem ansiosos para beber o “Elixir da Vida” e viver cerca de mil anos, vocês devem levar a sério o que dizemos a respeito e agir de acordo com o que afirmamos. Porque a ciência esotérica não dá a mais remota esperança de que a meta desejada possa alguma vez ser alcançada de qualquer outro modo, e a chamada ciência exata apenas ri diante da ideia.

Chegamos então ao ponto em que decidimos quebrar - literalmente e *não* de modo figurado - a casca externa conhecida como forma espiral mortal, ou corpo, e sair dela como uma vida nova que rompe a casca de um ovo, usando como cobertura a nossa casca que vem a seguir. Esta casca “que vem a seguir” não é espiritual. É apenas uma forma um pouco mais etérea. Tendo através de um longo treinamento e uma longa preparação adaptado essa casca para viver nesta atmosfera, e tendo durante este tempo feito gradualmente com que a casca externa perdesse a vida

¹⁵ Espaços interatômicos: é digno de atenção o fato de que este texto, escrito em 1882, descreve a existência de partículas e espaços subatômicos organizados em níveis crescentes de sutileza e abstração. (CCA)

Nós, asiáticos, temos um provérbio, que provavelmente nos foi transmitido e é repetido pelos hindus sem que eles saibam do seu sentido esotérico. O provérbio é conhecido desde o tempo em que os velhos Rishis conviviam familiarmente com o povo simples e nobre a que ensinavam e ao qual lideravam. Os Devas haviam sussurrado no ouvido de cada ser humano: “*Só você, se você quiser, é ‘imortal’.*” Cabe juntar esta afirmativa com a frase de um autor ocidental no sentido de que, se um homem pudesse compreender por um só instante que terá de morrer um dia, ele morreria naquele mesmo instante. Os *Illuminados* perceberão que entre estas duas afirmações, corretamente compreendidas, está revelado todo o segredo da Longevidade. Nós só morremos quando a nossa vontade deixa de ser forte o suficiente para fazer com que vivamos.²⁰ Na maior parte dos casos, a morte vem quando o sofrimento e a exaustão vital que acompanham uma rápida mudança em nossas condições físicas se tornam tão intensos que enfraquecem, por um instante que seja, o nosso “apego à vida” ou a tenacidade do desejo de existir. Até lá, por mais severa que seja a doença, por maior que seja a dor, nós só estamos doentes ou feridos, conforme for o caso. Isso explica os casos de morte súbita causados por contentamento, por medo, por dor, tristeza e outras causas semelhantes. O sentido de que a tarefa de uma vida inteira foi completada, ou a ideia de que a existência individual não faz sentido, *se forem suficientemente fortes*, produzem a morte tão seguramente quanto um veneno ou um projétil de arma de fogo. Por outro lado, uma firme determinação de continuar vivendo tem feito muitos atravessarem em perfeita segurança as doenças mais severas.

Em primeiro lugar, portanto, deve haver a determinação, a Vontade, a convicção, a certeza de sobreviver e continuar.²¹ Sem isso, tudo o mais é inútil. E para ser eficiente neste ponto deve haver não só uma decisão passageira e momentânea, um desejo feroz de curta duração, mas *um esforço estabelecido e contínuo, tanto quanto pode ser continuado e concentrado sem um só instante de relaxamento*. Em resumo, o candidato a “Imortal” deve estar vigilante dia e noite, defendendo-se sobretudo de si mesmo. Viver, viver, viver, essa deve ser a decisão inabalável. Ele deve evitar ao

²⁰ Veja a propósito, em nossos websites associados, o artigo “A Sucessão de um Feiticeiro Russo”. (CCA)

²¹ O coronel Henry Olcott explicou epigramaticamente o poder criativo, ou melhor, o poder *recriativo* da Vontade em seu “Buddhist Catechism” (*Catecismo Budista*). Naquela obra ele mostra - falando naturalmente desde o ponto de vista dos budistas do Sul - que esta Vontade de viver, se não for dissolvida na vida atual, salta o abismo da morte física e recombina os *skandhas*, ou grupos de qualidades que fazem o indivíduo, formando uma nova personalidade. O ser humano renasce portanto como resultado da sua própria ânsia insatisfeita por uma existência objetiva. O coronel Olcott coloca isso da seguinte maneira: “**Perg. 123:***O que é que, no ser humano, dá a ele a impressão de ter uma individualidade permanente?* **Resp.:** *Tanha*, o desejo insatisfeito pela existência. Quando o ser fez algo pelo que deve ser recompensado ou punido no futuro, e quando ele possui *Tanha*, terá um renascimento pela influência do Carma. **Perg. 124:** *O que é que renasce?* **Resp.:** Um novo agregado de *skandhas*, ou individualidade, causado pelo último desejo intenso da pessoa ao morrer. (...) **Perg. 128:** *A que causa devemos atribuir as diferenças na combinação dos Cinco Skandhas, que faz com que cada indivíduo seja diferente de todos os outros?* **Resp.:** Ao Carma do indivíduo na encarnação anterior. **Perg. 129:** *Qual é a força ou energia que está em ação, sob a orientação do Carma, para produzir o novo ser?* **Resp.:** *Tanha* - o Desejo de Viver.” (Nota de G.M.)

inteligência sobre-humana; podem até mesmo ter obtido conhecimento sobre membros da nossa própria Fraternidade oculta e comunhão com eles ²³; mas, tendo deliberadamente decidido dedicar a sua energia vital ao bem-estar dos outros, mais do que ao seu próprio bem-estar, eles renunciaram à vida; e, ao morrerem na cruz ou no cadafalso, caindo com a espada na mão no campo de batalha ou desabando exaustos em suas camas e suas casas após a realização da meta das suas vidas, eles todos tiveram igualmente que desabafar ao final: “Eli, Eli, lama sabachthani!” ²⁴

Até este ponto, tudo certo.

Porém, mesmo com o desejo de viver e por mais forte que ele seja, é possível observar que no decorrer comum da vida mundana os espasmos da dissolução não podem ser evitados. A tentativa desesperada e renovada uma e outra vez dos elementos Cósmicos por prosseguir uma trajetória de mudança apesar da vontade que os impede, tal como um par de cavalos que querem fugir e lutam contra o cocheiro determinado que os domina, é tão acumulativamente poderosa que os maiores esforços de uma vontade humana *não-treinada*, atuando dentro de um corpo *despreparado*, tornam-se em última instância inúteis. A mais alta intrepidez do mais valente soldado, o mais intenso desejo do homem que ama apaixonadamente uma mulher, a cobiça voraz do avarento insatisfeito, a mais determinada fé do mais austero fanático, a elaborada insensibilidade à dor do mais endurecido indígena de pele vermelha ou iogue hindu parcialmente treinado, a mais deliberada filosofia do mais calmo dos pensadores - tudo falha no final.

²³ Este parágrafo é um dos trechos do presente artigo que parecem escritos desde o ponto de vista de um mestre de sabedoria e não de um simples discípulo. Um mestre provavelmente ajudou o autor, G.M., a abordar o assunto da imortalidade dos adeptos. O tema claramente exige conhecimentos superiores aos de um discípulo. (CCA)

²⁴ A interpretação destas palavras é complexa. Helena Blavatsky escreve em “Collected Writings”, TPH, volume IX, pp. 271-272:

“O verso 46 do capítulo 27 de Mateus está hoje distorcido pelos editores sem escrúpulos dos textos gregos do Evangelho. *Eli, Eli, Lama Sabachthani* nunca significou *Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?*, mas significava, na realidade, originalmente, o contrário disso. Essas eram palavras sacramentais usadas na iniciação final no antigo Egito, assim como em outros lugares, durante o Mistério da morte do Chrestos no corpo moral com suas emoções animais, e a ressurreição do Homem Espiritual como um Cristo iluminado em um instrumento agora purificado (o ‘segundo nascimento’ de Paulo, o ‘nascido-pela-segunda-vez’ ou Iniciado dos brâmanes, etc., etc.). Estas palavras eram dirigidas ao ‘Eu Superior’ do Iniciado, o Espírito Divino nele (que pode ser chamado de Cristo, Buddha, Krishna, ou qualquer outro nome), no momento em que os raios do Sol da manhã chegavam ao corpo em transe do candidato e deviam chamá-lo à vida, ou ao seu novo renascimento. As palavras eram dirigidas ao Sol Espiritual interior, e não a um Sol, externo, e deveriam dizer, se não tivessem sido distorcidas por motivos dogmáticos: MEU DEUS, MEU DEUS, COMO TU ME GLORIFICAS!”

Assim, as palavras *Eli, Eli, Lama Sabachthani* podem ser vistas em seu sentido exotérico, e distorcido, ou em seu significado oculto e verdadeiro. Cabe levar este fato em consideração, ainda que, segundo tudo indica, o autor de “O Elixir da Vida” tenha usado a frase no sentido do evangelho convencional. (CCA)

encorajada e dirigida, e os elementos que se opõem à sua ação ficam *desmoralizados*. Agora, para qualquer indivíduo que pensa e conecta as várias teorias da evolução, formuladas não por alguma fonte esotérica, mas pelo manual científico comum e disponível para todos – englobando desde a hipótese da mais recente variação nos hábitos das espécies, digamos, a aquisição de hábitos carnívoros pelo papagaio da Nova Zelândia, por exemplo, até os mais longínquos vislumbres do passado no Espaço e na Eternidade, possibilitados pela doutrina da *Névoa de Fogo*²⁶, ficará claro que tudo isso tem uma única base comum. E esta base é que o impulso dado uma vez a uma hipotética Unidade tem a tendência de continuar; e, conseqüentemente, qualquer coisa “feita” por algo em determinado tempo e lugar tende a se repetir em outros tempos e lugares.

Esta é a *explicação racional* aceita para a hereditariedade e o atavismo. O fato de que o mesmo se aplica à nossa conduta comum é demonstrado pela notória facilidade com que os “hábitos”, bons ou maus, são adquiridos; e é inquestionável que isso é geralmente válido tanto para o mundo moral e intelectual quanto para o mundo físico.

Além disso, a História e a Ciência ensinam de modo claro que determinados hábitos físicos conduzem a certos resultados morais e intelectuais. Até hoje nunca houve uma nação imperialista cuja população fosse vegetariana. Mesmo nos tempos antigos dos ários, não há evidências de que os próprios Rishis, de cuja sabedoria e tradição prática nós aprendemos hoje o Ocultismo, tenham proibido a casta dos Kshatrias (militares) de caçar ou de seguir uma dieta carnívora. Eles cumpriam um certo papel na estrutura política da condição atual do mundo, e os Rishis não pensaram em interferir com eles, assim como não tentaram mudar os hábitos dos tigres na selva. E isso não afetou a prática seguida pelos Rishis.

O aspirante à longevidade deve, portanto, estar vigilante em relação a *dois perigos*. Ele deve ter um cuidado especial em relação a pensamentos impuros e animais.²⁷ Porque a ciência mostra que o pensamento é dinâmico, e a força pensamental produzida pela ação dos nervos que se expandem para o exterior deve afetar as relações moleculares do homem físico. Os homens internos²⁸, por mais sublimado que o organismo deles possa estar, são ainda compostos de partículas reais, e *não hipotéticas*, e ainda estão sujeitos à lei segundo a qual toda ação tende a repetir-se; uma tendência de estabelecer uma ação análoga na “casca” mais densa com a qual eles estão em contato, e em cujo interior estão ocultados.

E, por outro lado, algumas ações têm uma tendência de produzir condições físicas realmente desfavoráveis para pensamentos puros, e por isso desfavoráveis para o estado necessário à supremacia do homem interno.

²⁶ Névoa de Fogo – expressão usada na obra “A Doutrina Secreta”, de Helena Blavatsky, e que significa *akasha* ou *luz astral*. Veja por exemplo a página 168 da tradução passo a passo da obra em nossos websites associados. (CCA)

²⁷ Em outras palavras, o pensamento tende a provocar a ação. (Nota de G.M.)

²⁸ Usamos a palavra no plural para lembrar o leitor de que, de acordo com nossa doutrina, o ser humano é setenário. (Nota de G.M.)

de tais funções tenderá a impedir a substituição das velhas partículas por novas partículas que tenham tendência a repetir os atos impuros. E embora este seja o resultado *específico* que ocorre em relação a certos “atos impuros”, o resultado geral de uma abstenção de ações “grosseiras” será (por uma variante da bem-conhecida lei darwiniana da atrofia pelo não-uso) a redução do que podemos chamar de densidade e coerência da couraça externa (como resultado do fato de que as suas moléculas são menos usadas). Enquanto isso, a diminuição na quantidade dos seus constituintes concretos será “composta” (se avançar de modo equilibrado) através da admissão crescente de mais partículas etéreas.

Quais são os desejos físicos que devem ser abandonados, e em que ordem? Em primeiro lugar e acima de tudo, ele deve renunciar ao álcool em todas as suas formas. O motivo é que embora o álcool não sirva como alimento nem cause qualquer prazer direto nem mesmo para os elementos mais grosseiros da estrutura “física” (além de prazeres como a doçura ou fragrância que podem ocorrer no caso do vinho, etc., fato para o qual o álcool em si não é necessário), ele induz a uma violência de ação, uma pressa de viver, digamos, cuja tensão só pode ser sustentada por elementos muito entorpecidos, densos e grosseiros, os quais a conhecida lei da re-ação (na linguagem comercial, “lei da oferta e da demanda”) tende a atrair do universo ao redor, agindo no sentido diretamente oposto ao objetivo que temos em vista.

Em seguida vem o ato de comer carne; e pela mesma razão, em grau menor. Este hábito aumenta a rapidez da vida, a energia da ação, e a violência das paixões. Pode ser bom para o herói que precisa lutar e morrer, mas não para um candidato à sabedoria que precisa existir e³⁰.

Na sequência, temos os desejos sexuais. Em relação a esse ponto, além da grande perda de energia (força vital) através de outros canais e de muitas maneiras diferentes do modo central (como, por exemplo, o desperdício de energia em ansiedade, ciúme, etc.), os desejos sexuais atraem uma certa qualidade grosseira da matéria original do Universo, simplesmente porque as sensações físicas mais prazenteiras são possíveis apenas naquele nível de densidade. Junto com a renúncia a estas e outras gratificações dos sentidos, devem ser realizadas tarefas diferentes de purificação moral. A renúncia inclui não só as coisas normalmente conhecidas como “impuras”, mas todas as coisas que, embora em geral consideradas “inocentes”, têm a desvantagem de servir aos prazeres do corpo; sendo que as últimas a serem abandonadas em cada caso são as mais inofensivas em relação a outros seres e as menos “grosseiras”.

Tampouco é possível imaginar que as “austeridades”, tal como encaradas normalmente, possam ser muito úteis na maior parte dos casos para a tentativa de acelerar o processo de “eterealização”. Essa é a rocha em que muitas das seitas esotéricas orientais batem antes de naufragar, e constitui a razão pela qual elas degeneraram em superstições degradantes. Os monges ocidentais e os iogues do Oriente que pensam que irão alcançar o ápice dos poderes humanos concentrando o

³⁰ Neste ponto do texto original uma série de reticências sugere que o resto da frase tenha sido excluído, talvez por conter referências não-publicáveis ao discipulado. (CCA)

Se estes são os fatos no caso de um alto adepto, torna-se muito mais necessário no caso de um neófito que ele seja não só protegido mas também que ele mesmo use todos os meios possíveis para assegurar a duração necessária da vida de modo a completar o processo de conhecimento do processo que chamamos morte! Será possível perguntar: “por que os adeptos mais adiantados não o protegem?” *Talvez eles o façam*, até certo ponto, mas a criança deve aprender a caminhar por si mesma. Se o neófito não dependesse dos seus próprios esforços na questão da segurança, seria destruído um elemento necessário para o seu desenvolvimento: o sentido de responsabilidade. Que coragem e que conduta seriam exigidas de um homem que fosse mandado para o combate carregando armas irresistíveis e vestido com armaduras impenetráveis? Portanto, o neófito deve fazer um esforço para cumprir, tanto quanto possível, todas as recomendações sobre saúde feitas pelos cientistas modernos. Ar puro, água pura, comida pura, exercício físico moderado, horários regulares, ocupações agradáveis e um meio ambiente saudável são fatores talvez não indispensáveis, mas pelo menos úteis ao seu progresso. É para garantir estes fatores, pelo menos no que diz respeito a silêncio e solidão, que os Deuses, Sábios e Ocultistas de todas as épocas retiraram-se tanto quanto possível para o campo, para a fria caverna, para a profundidade da floresta, a vastidão do deserto ou as alturas das montanhas. Não é significativo que os Deuses tenham sempre amado os “lugares altos”, e que no momento atual a seção mais elevada da Fraternidade Oculta da Terra habite o conjunto de montanhas mais alto do planeta? ³²

O principiante não deve desprezar a ajuda da medicina e do bom conselho médico. Ele ainda é um mortal comum e precisa da ajuda dos mortais comuns.

O leitor perguntará:

“Suponha, então, que estejam presentes todas as condições necessárias, ou consideradas necessárias (porque os detalhes e variedades do tratamento requerido são demasiado numerosos para tentarmos uma descrição aqui); qual será o próximo passo?”

Bem; se não tiver havido falhas ou negligência no procedimento indicado, os seguintes resultados físicos ocorrerão na sequência:

Em primeiro lugar, o neófito experimentará mais prazer nas coisas espirituais e puras. As ocupações grosseiras e materiais se tornarão não só indesejáveis ou proibidas, mas simplesmente e de modo literal repulsivas para ele. Ele terá mais prazer nas sensações simples da Natureza – o tipo de sentimento que podemos lembrar que tivemos na infância. Ele estará mais contente, confiante e feliz. Deve ter cuidado para que a sensação de rejuvenescimento não o desorienta, ou ele poderá

³² A severa proibição segundo a qual os judeus não poderiam servir “a seus deuses sobre o alto das montanhas e sobre colinas” tem origem no fato de que os seus antigos anciãos não desejavam deixar que indivíduos na maior parte dos casos despreparados para o adepto tivessem uma vida de celibato e ascetismo, ou, em outras palavras, buscassem o adepto. Esta proibição tinha um significado esotérico antes de tornar-se proibição, e que é incompreensível no nível da leitura da letra-morta; porque não é só na Índia que se presta homenagem aos SÁBIOS como a seres divinos. Todas as nações viam como divinos os seus adeptos e iniciados. (Nota de G.M.)

ponto de vista (embora seja difícil expressar a ideia com palavras) é apenas natural que a progressiva eterealização do homem mais denso e grosseiro deles deve tornar os outros mais livres. Uma tropa de cavalos pode ser bloqueada por uma multidão e ter muita dificuldade para atravessá-la; mas se cada membro da multidão pudesse ser transformado subitamente em um fantasma, não haveria quase nenhum obstáculo.³⁵ E como todas as entidades internas são mais rarefeitas, mais ativas e mais voláteis que a externa, e devido ao fato de que cada entidade tem relação com diferentes elementos, espaços e propriedades do Cosmo que são abordados em outros artigos sobre Ocultismo, a mente do leitor deve conceber – embora a caneta do escritor não possa expressar o fato nem mesmo em uma dúzia de volumes – as possibilidades magníficas que gradualmente se abrem para o neófito.

Muitas das oportunidades sugeridas acima podem ser aproveitadas pelo neófito para a sua própria segurança, como entretenimento, ou para fazer o bem àqueles que o rodeiam; *mas a maneira* como ele o faz estará adaptada a ele; surgirá da provação pela qual ele tem que passar, e o mau uso destes poderes certamente causará a perda deles como resultado natural. O *Itchcha* (desejo)³⁶ evocado novamente pelos panoramas que estes poderes abrem irá retardar ou anular o seu progresso.

Mas há outra parte do Grande Segredo que devemos mencionar, e que *agora* é permitido transmitir ao mundo, pela primeira vez em muito tempo e porque chegou a hora para isso.

O leitor bem informado já sabe que uma das grandes descobertas que imortalizaram o nome de Darwin é a lei segundo a qual um organismo tem sempre uma tendência a repetir, num período análogo da sua vida, a ação dos seus progenitores; tanto mais segura e completamente quanto maior for a sua proximidade na escala da vida. Um resultado disso é que, em geral, seres orgânicos normalmente morrem (na média) no mesmo período que o dos seus progenitores. É verdade que há uma grande diferença entre as idades *reais* com que os indivíduos de qualquer espécie morrem. Doenças, acidentes e fome são os principais fatores causadores disso. Mas há, em cada espécie, um limite bem conhecido dentro do qual fica a vida daquela raça, e não se sabe de ninguém que viva além daquele limite. Isso é válido para a espécie humana e para todas as outras. Supondo que todas as condições sanitárias possíveis tenham sido atendidas, e que todo e qualquer acidente e doença tenham sido evitados por um homem de estrutura física comum, em alguns casos particulares ainda assim surgiria uma ocasião, segundo sabem os médicos, em que as partículas do corpo sentiriam a tendência hereditária de fazer aquilo que leva inevitavelmente à dissolução, *e obedeceriam a esta tendência*. É óbvio para qualquer pessoa capaz de refletir que, se por *algum procedimento* este período crítico pudesse ser ultrapassado, o perigo subsequente de “Morte” seria proporcionalmente menor à medida que os anos passassem. Isso, que nenhuma mente e nenhum corpo não-preparado podem fazer, é possível às vezes para a vontade e para a estrutura física de alguém que foi

³⁵ A afirmação ajuda a compreender algo do processo de materialização e desmaterialização momentânea que alguns Mestres de Sabedoria fazem quando necessário de seus próprios corpos físicos, e o seu deslocamento instantâneo por longas distâncias no plano astral, conforme está amplamente documentado na literatura teosófica e esotérica. (CCA)

³⁶ *Itchcha* - palavra de origem sânscrita. (CCA)

especialmente preparado. As partículas densas presentes, capazes de sentir a inclinação hereditária, são menos numerosas; os “homens interiores” reforçados (cuja duração é maior mesmo no caso da morte natural), ajudam a carapaça externa visível; e existe a Vontade indômita treinada para dirigir e manejar o todo.³⁷

A partir de então o futuro do aspirante fica mais claro. Ele venceu o “Morador do Umbral” - o inimigo hereditário da sua raça, e, embora ainda exposto a perigos sempre renovados em sua marcha na direção do Nirvana, ele foi banhado pela luz da vitória, possui nova confiança e novos poderes para consolidá-la, e pode abrir caminho no rumo da perfeição.

Devemos lembrar que a natureza atua por todo lado através da Lei, e que o processo da purificação do corpo físico material que estamos descrevendo também acontece pelo mesmo processo nos corpos internos, que não são visíveis para o cientista. Todos eles estão em transformação, e as metamorfoses dos corpos mais etéreos seguem o exemplo dado pela trajetória do mais denso, embora em durações sucessivamente multiplicadas, adquirindo uma variedade maior de relações com o cosmo ao redor, até que, no Nirvana, a mais rarefeita Individualidade se une finalmente à TOTALIDADE INFINITA.

A partir desta descrição do processo, é possível deduzir por que motivo os “Adeptos” são vistos tão raramente na vida comum. Ao mesmo tempo que ocorre a eterealização dos seus corpos e o seu poder se desenvolve, surge uma crescente aversão e, digamos, um “desprezo” pelas coisas da nossa existência mundana comum. Assim como um fugitivo abandona sucessivamente em sua fuga os objetos que incomodam o seu progresso, começando pelos mais pesados, também o aspirante que evita a “morte” abandona tudo aquilo que a morte pode controlar. No progresso da Negação, cada coisa de que ele se liberta é mais uma ajuda.

Como dissemos antes, o adepto não se torna “imortal” no sentido em que a palavra é normalmente compreendida. Em torno da época em que o limite da morte da sua raça é ultrapassado ele está *de fato morto*, no sentido comum da palavra, isto é, ele se libertou de todas ou de quase todas as partículas materiais que teriam necessitado da agonia de morrer. Ele esteve morrendo gradualmente durante todo o período da sua Iniciação. A catástrofe não pode ocorrer duas vezes. Ele simplesmente espalhou

³⁷ Neste sentido, também podemos mostrar o que a ciência moderna, e especialmente a *fisiologia*, têm a dizer sobre o poder da vontade humana. “A força da vontade é um elemento influente na determinação da longevidade. Este ponto específico deve ser aceito sem questionamentos, no sentido de que, considerados dois homens semelhantes em todos aspectos e colocados em circunstâncias semelhantes, viverá mais tempo aquele que tiver mais coragem e perseverança. Não é necessário praticar medicina por muito tempo para saber que há homens que morrem quando poderiam muito bem viver, se tivessem tomado a decisão de viver; e que milhões que são inválidos poderiam tornar-se fortes se tivessem a vontade espontânea ou adquirida de decidir que ficariam fortes. Aqueles que não têm outra característica favorável à vida, aqueles cujos órgãos corporais estão quase todos adoentados, aqueles para quem cada dia é um dia de sofrimento e que estão acossados por influências que tendem a encurtar a vida, vivem apesar de tudo, devido apenas à vontade de viver.” Dr. George M. Beard. (Nota de G.M.)

e viveu durante vários anos um processo suave de dissolução que outros atravessam durante um breve momento ou algumas horas.

O mais alto Adepto está na verdade morto para o mundo e absolutamente sem consciência dele; o Adepto ignora os prazeres do mundo e não dá importância às suas dores, no plano do sentimentalismo, porque o severo sentido de DEVER nunca o torna cego. Os novos sentidos etéreos que se abrem para as esferas maiores são semelhantes aos nossos sentidos, se comparados com o que é Infinitamente Pequeno. Novos desejos e novas satisfações, novos perigos e obstáculos aparecem, com novas sensações e percepções; e muito longe, *perdida na neblina* tanto literal como metaforicamente, fica a nossa pequena e suja Terra, deixada para trás por aqueles que “foram juntar-se aos deuses”.

E com base neste relato, também, é perceptível a tolice de pedir a um Teosofista que “ajude a ter contato com os Adeptos mais elevados”. É com a maior dificuldade que um ou dois deles pode ser induzido, mesmo pelas torturas que o mundo sofre, a prejudicar o seu próprio progresso ao interferir com os assuntos mundanos. O leitor comum irá dizer: “Isso não parece *adequado para uma divindade*. É o ponto máximo do egoísmo.” Mas o leitor deve compreender que um Adepto muito elevado, se quisesse trabalhar pela reforma do mundo, teria necessariamente que submeter-se novamente ao processo de encarnação. E será que o resultado de tudo o que ocorreu até agora com tentativas semelhantes é suficientemente encorajador para que uma nova tentativa seja feita?

Um exame profundo de tudo o que escrevemos acima também dará aos teosofistas uma ideia do que eles estão pedindo quando solicitam para serem ajudados a obter “poderes elevados” no seu sentido *prático*. Bem, o CAMINHO está sinalizado tanto quanto as palavras são capazes de sinalizá-lo ... será que eles podem percorrê-lo?

Inegavelmente, aquilo que para o comum dos mortais são perigos inesperados, tentações e inimigos também está presente no caminho do neófito. E o fato não ocorre por mera casualidade. O motivo é que o neófito está realmente adquirindo novos sentidos, e no entanto não tem prática no uso deles, e *nunca viu* as coisas que está vendo agora. Um homem que nasceu cego e adquire subitamente a visão não poderia compreender de imediato o significado da perspectiva, mas, como um bebê, imaginaria num caso que a lua está a seu alcance, e em outro caso, agarraria um objeto em brasa com a mais descuidada confiança.

E cabe perguntar: qual é a recompensa para esta renúncia a todos os prazeres da vida, este frio abandono de todo interesse mundano, este esforço na direção de uma meta desconhecida e que parece cada vez mais inalcançável? Ao contrário de algumas crenças antropomórficas, o Ocultismo não oferece a seus seguidores nenhum céu eterno, permanente e pleno de prazeres materiais, a ser obtido agora com um rápido salto através da sepultura. Tem ocorrido frequentemente que muitos estariam dispostos a morrer *agora* se com isso obtivessem em seguida o paraíso. Mas o Ocultismo não aceita esta ideia de obter de modo fácil e imediato uma plenitude infinita de prazer, sabedoria e existência. Ele promete apenas algumas parcelas destes fatores, que se estendem em arcos sucessivos e são ocultados por sucessivos véus, em uma série ascendente e contínua que leva ao NIRVANA. Isso ocorre com a ressalva de que novos poderes produzem novas responsabilidades, e de

que a capacidade ampliada de sentir prazer traz consigo uma sensibilidade igualmente maior diante da dor. Em relação a esse problema, a única resposta que se pode dar é dupla:

- 1) A consciência do Poder é em si mesma o mais intenso dos prazeres, e acontece incessantemente durante a marcha adiante, com o surgimento de novos meios para o seu exercício; e
- 2) Como já foi dito, ESTE é o único caminho ao longo do qual há qualquer possibilidade científica de que a “Morte” possa ser evitada, de que uma memória perpétua possa ser preservada, de que uma sabedoria infinita possa ser alcançada, e portanto que uma ajuda imensa à humanidade possa ter lugar, uma vez que o adepto tenha atravessado em segurança o ponto de não-retorno.

A lógica física e a lógica metafísica requerem e confirmam o fato de que só através da sua absorção gradual no infinito é possível que a Parte conheça o Todo; e o fato de que aquilo que *agora é alguma coisa* só pode sentir, saber e experimentar TUDO quando tiver se perdido na Absoluta Totalidade, no vórtice daquele *Círculo Inalterável* no qual o nosso conhecimento se torna ignorância, e o próprio Tudo passa a ser idêntico com o NADA.

Será Egoísta o Desejo de Viver?

Helena P. Blavatsky

00

“Será Egoísta o Desejo de Viver?” é uma tradução do texto “Is the Desire to ‘Live’ Selfish?”, que está incluído no volume “Five Years of Theosophy” (Theosophy Co.) logo após “The *Elixir of Life*”; ver pp. 33-39.

(CCA)

00

A frase “*viver, viver, viver, essa deve ser a decisão inabalável*”, que faz parte do artigo “O Elixir da Vida”, é citada com frequência por leitores superficiais e de má vontade como um indício de que os ensinamentos do ocultismo são a forma mais concentrada de egoísmo. Para verificar se os críticos estão certos ou errados, é preciso examinar primeiro a palavra “egoísmo”.

De acordo com uma autoridade linguística estabelecida, egoísmo é uma “preocupação exclusiva com o seu próprio interesse ou felicidade, um supremo amor ou preferência por si mesmo, que leva a pessoa a direcionar seus objetivos para o

avanço do seu próprio interesse, seu poder ou sua felicidade, sem levar em conta os interesses ou a felicidade de outras pessoas.”

Em resumo, um indivíduo absolutamente egoísta é alguém que se preocupa consigo mesmo e com mais ninguém, ou, em outras palavras, alguém que está tão imbuído do sentimento de importância da sua própria personalidade que, para ele, esse é o ponto mais alto de todos os pensamentos, desejos e aspirações, e além disso existe apenas um perfeito vazio.

Será então que um teosofista pode ser qualificado como “egoísta” quando deseja *viver* no sentido em que a palavra é usada pelo autor do artigo “O Elixir da Vida”? Já foi dito muitas vezes que o objetivo último de cada aspirante ao conhecimento oculto é o *Nirvana* ou *Mukti*, quando o indivíduo, libertado de todo *Upadhi Maiáivico*³⁸, torna-se um com *Paramatma*³⁹, ou o Filho se identifica com o Pai na fraseologia cristã. Em função desse propósito, todo véu de ilusão que cria um sentido de isolamento pessoal, um sentimento de separação do TODO, deve ser destruído, ou, em outras palavras, o aspirante deve gradualmente abandonar todo sentido de egoísmo pelo qual todos nós somos mais ou menos afetados. Através de um estudo da Lei da Evolução Cósmica, aprendemos que quanto mais elevada a evolução, mais ela tende à Unidade. De fato, a Unidade é a possibilidade última da Natureza, e aqueles que atuam contra os propósitos da Natureza através da vaidade e do egoísmo só podem atrair castigo e aniquilação.

O ocultista reconhece que o inegoísmo e o sentimento de filantropia universal são as leis inerentes do nosso ser, e tudo o que ele faz constitui uma tentativa de destruir as cadeias do egocentrismo colocadas sobre nós todos por *Maya*. Portanto, a luta entre Bem e Mal, Deus e Satã, *Suras* e *Asuras*, *Devas* e *Daityas*, mencionada nos livros sagrados de todas as nações e raças, simboliza a batalha entre os impulsos inegoístas e egoístas que ocorre em um ser humano dedicado a seguir os propósitos mais elevados da Natureza.

A batalha prossegue até que as tendências animais inferiores, criadas pelo egoísmo, sejam vencidas por completo e o inimigo inteiramente aniquilado. Também tem sido frequentemente afirmado, em vários escritos ocultos, teosóficos e outros, que a única diferença entre um homem comum que trabalha com a natureza ao longo da evolução cósmica e um ocultista, é que este último, graças ao seu conhecimento superior, adota métodos de treinamento e disciplina que aceleram o processo de evolução, e assim alcança em um tempo relativamente curto o ápice que o homem comum demorará talvez bilhões de anos para alcançar. Em resumo, em alguns poucos milhares de anos ele chega a aquele tipo de evolução que a humanidade comum alcança na sexta ou sétima ronda do *Manvântara*, isto é, da progressão cíclica. É evidente que um homem médio não pode tornar-se um MAHATMA em uma só vida, isto é, em uma só encarnação. Aqueles que estudaram os ensinamentos ocultos sobre o *Devachan* e os estados pós-morte lembrarão que entre duas encarnações há um período considerável de existência subjetiva. Quanto maior o número destes períodos *devachânicos*, maior é o número de anos que esta evolução

³⁸ *Upadhi Maiáivico*: veículo ou condicionamento ilusório. (CCA)

³⁹ Na teologia hindu, assim como em teosofia, *Paramatma* é o Atma Absoluto, a Alma Suprema, a Super-Alma ou Supra-Alma. (CCA)

abrange. O principal objetivo do ocultista é portanto controlar a si mesmo de modo a regular os seus estados futuros, e assim gradualmente encurtar a duração da sua existência devachânica entre duas encarnações. Durante este progresso há um momento em que, entre uma morte física e o próximo renascimento, não há *Devachan* mas uma espécie de sono espiritual. O choque da morte o deixa, digamos, atordoado e num estado de inconsciência, do qual ele gradualmente se recupera, vendo-se reencarnado e retomando o seu propósito. O período deste sono pode variar entre 25 anos e 200 anos, dependendo do grau do seu avanço. Mas mesmo este período pode ser visto como uma perda de tempo, e portanto todos os seus esforços são direcionados para encurtar esta duração de modo que ele chegue a um ponto em que a passagem entre os dois estados de existência seja quase imperceptível. Esta é a sua última encarnação, de certo modo, porque o choque da morte já não o deixa atordoado. Esta é a ideia que o autor do artigo “O Elixir da Vida” deseja transmitir quando escreve:

“Em torno da época em que o limite da morte da sua raça é ultrapassado ele está *de fato morto*, no sentido comum da palavra, isto é, ele se libertou de todas ou de quase todas as partículas materiais que teriam necessitado da agonia de morrer. Ele esteve morrendo gradualmente durante todo o período da sua Iniciação. A catástrofe não pode ocorrer duas vezes. Ele simplesmente espalhou e viveu durante vários anos um processo suave de dissolução que outros atravessam durante um breve momento ou algumas horas. O mais alto Adepto está na verdade morto para o mundo e absolutamente sem consciência dele; o Adepto ignora os prazeres do mundo e não dá importância às suas dores, no plano do sentimentalismo, porque o severo sentido de DEVER nunca o torna cego.”

O processo de emissão e atração de átomos, que o ocultista controla, foi discutido longamente naquele artigo e em outros escritos. É desta maneira que ele se liberta gradualmente de todas as velhas partículas densas do seu corpo, substituindo-as por partículas mais finas e mais etéreas, até que, finalmente, o *sthula sharira*⁴⁰ anterior está completamente morto e desintegrado, e ele vive em um corpo inteiramente criado por ele mesmo, e adequado para o seu trabalho. Este corpo é essencial para seus objetivos, como diz “O Elixir da Vida”:

“...Para fazer o bem, como em todas as coisas, um homem *deve ter* tempo e materiais com os quais trabalhar, e este é um meio necessário para a aquisição de poderes com os quais pode ser feito muito mais bem do que sem eles. Uma vez que eles sejam controlados, surgirão as oportunidades para usá-los....”.

Dadas as instruções práticas neste sentido, o texto prossegue:

“O homem físico deve tornar-se mais etéreo e sensível; o homem mental deve adquirir uma percepção mais aguda e profunda; o homem moral precisa tornar-se mais altruísta e filosófico.”

Quando as importantes considerações acima são deixadas de lado, a seguinte passagem é compreendida de modo inteiramente errado:

⁴⁰ *Sthula sharira*: corpo físico. (CCA)

“E com base neste relato, também, é perceptível a tolice de pedir a um Teosofista que ‘ajude a ter contato com os Adeptos mais elevados’. É com a maior dificuldade que um ou dois deles pode ser induzido, mesmo pelas torturas que o mundo sofre, a prejudicar o seu próprio progresso ao interferir com os assuntos mundanos. O leitor comum irá dizer: ‘Isso não parece *adequado para uma divindade*. É o ponto máximo do egoísmo.’ ... Mas o leitor deve compreender que um Adepto muito alto, se quisesse trabalhar pela reforma do mundo, teria necessariamente que submeter-se novamente ao processo de encarnação. E será que o resultado de tudo o que ocorreu até agora com tentativas semelhantes é suficientemente encorajador para que uma nova tentativa seja feita?”

Ao condenar a passagem acima porque supostamente defende o egoísmo, os críticos superficiais ignoram várias verdades profundas. Em primeiro lugar, esquecem os outros trechos já citados em que o artigo impõe o *autossacrifício* como condição necessária para o êxito. Segundo indicam estes trechos, junto com o progresso são adquiridos novos sentidos e novos poderes, com os quais é possível realizar um bem infinitamente maior do que sem eles. Quanto mais o Adepto se torna espiritual, menos ele pode interferir com assuntos *mundanos e grosseiros*, e mais ele precisa limitar-se ao trabalho espiritual. Tem sido dito inúmeras vezes que o trabalho no plano espiritual é tão superior ao trabalho no plano intelectual quanto este último é superior ao trabalho no plano físico.

Os Adeptos muito *elevados*, portanto, ajudam a humanidade *mas apenas espiritualmente*; são constitucionalmente incapazes de interferir com assuntos *mundanos*. No entanto, isso se aplica apenas a Adeptos muito elevados. Há vários graus de adepto, e os Adeptos de cada grau trabalham pela humanidade no plano em que estão. Só os *chelas* podem viver no mundo, até chegarem a um certo nível. E é porque os Adeptos *se interessam* de fato pelo bem-estar do mundo que eles fazem com que seus *chelas* vivam no mundo e trabalhem por ele, fato percebido por muitos que estudam o tema.

Cada ciclo produz os seus próprios ocultistas, capazes de trabalhar pela humanidade da sua época em todos os diferentes planos. Quando os Adeptos preveem que em determinado período a humanidade será incapaz de produzir ocultistas para trabalhar em certos planos específicos, eles enfrentam estas ocasiões seja renunciando voluntariamente ao seu progresso e esperando até que a humanidade alcance o período adequado, ou recusando-se a entrar no Nirvana e submetendo-se à reencarnação de modo a estarem prontos para o trabalho no momento necessário. E embora o mundo possa não estar ainda consciente deste fato, existem mesmo agora alguns Adeptos que preferiram permanecer na mesma situação e se recusam a avançar até graus mais elevados, com o objetivo de beneficiar as futuras gerações da humanidade.

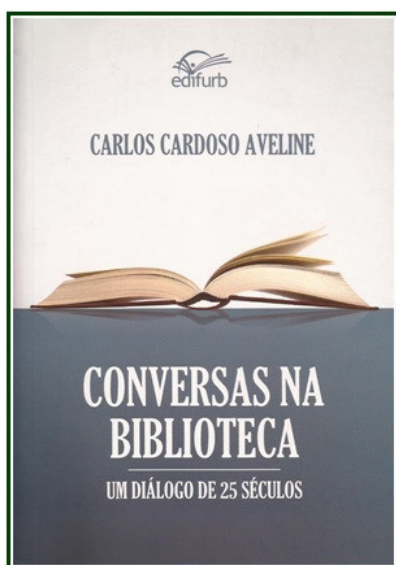
Em resumo, os Adeptos trabalham em harmonia, porque a unidade é a lei fundamental da sua existência. Eles fizeram, digamos, uma divisão de trabalho de acordo com a qual cada um opera no plano adequado para si, tendo como meta a elevação espiritual de todos nós. O processo de longevidade mencionado em “O Elixir da Vida” é apenas um meio para um fim que, longe de ser egoísta, é o propósito mais generoso pelo qual um ser humano pode trabalhar.

000

Em setembro de 2016, depois de cuidadosa análise da situação do movimento esotérico internacional, um grupo de estudantes decidiu formar a **Loja Independente de Teosofistas**, que tem como uma das suas prioridades a construção de um futuro melhor nas diversas dimensões da vida.

000

Para conhecer um diálogo documentado com a sabedoria de grandes pensadores dos últimos 2500 anos, leia o livro “**Conversas na Biblioteca**”, de Carlos Cardoso Aveline.



Com 28 capítulos e 170 páginas, a obra foi publicada em 2007 pela editora da Universidade de Blumenau, Edifurb.

000